

*Uchinaaguchi, Um Exílio Linguístico*¹

Mariângela Yule de Queiroz²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

Resumo

O presente artigo tem como tema de estudo o uchinanchu, como são chamados os moradores de Okinawa e uchinaaguchi, idioma em risco de desaparecimento, desta hoje província do Japão. Invadida e anexada pelo governo japonês em 1879, a ilha teve sua monarquia extinta e todas as atividades culturais, religião e o idioma okinawanos foram abolidos pelo Japão. Juntamente com a língua, os uchinanchus perderam parte de sua história que procuram recuperar atualmente através da reapropriação do idioma de seus antepassados. O objetivo deste artigo é investigar, como se dá a mobilização entre os okinawanos e seus descendentes no resgate e preservação do uchinaaguchi.

Palavras-chave: Okinawa; Japão; Identidade; Linguagem.

Introdução

A ilha de Okinawa³, hoje uma das 47 províncias do Japão, foi um reino próspero e independente até 1879 quando foi tomada pelo governo japonês durante a Restauração Meiji⁴ (1868-1912) e anexada ao país. Okinawa, ou Uchiná⁵ em língua nativa, era a maior e mais próspera das 169 ilhas que formavam o Reino de Ryukyu⁶, localizado no

¹ Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 13 a 15 de junho de 2018.

² Mestranda do curso de Comunicação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, email: mariangelayule@gmail.com.

³ Okinawa = Uchiná: um arquipélago-província no extremo sul do Japão que consiste numa cadeia de ilhas de 1000 quilômetros de comprimento formando o arquipélago Ryukyu e que se estende de sudoeste de Kyushu até Taiwan.

⁴ Inicia uma política de intensa japonização de modo a substituir, progressivamente, a língua, tradições, hábitos e práticas culturais típicas de Okinawa pela japonesa impondo aos okinawanos a obrigação de tornarem-se japoneses (KERR, 1964; HOOK; SIDDLE, 2003). Movimento que representou a transição de uma economia rural-agrária para uma economia urbana e industrializada transformando o Japão no primeiro Estado-nação da Ásia mas gerando desemprego no campo.

⁵ Okinawa (em japonês) ou Uchiná (no dialeto local). Uchiná= Okinawa. Uchinanchu - pessoa de Okinawa - e uchinaguchi - língua de Okinawa.

⁶ Foi um reino independente que ocupou grande parte das Ilhas Ryukyu do século XV ao século XIX até ser integrado ao Japão no início da era Meiji (1868 a 1912) quando os feudos foram abolidos e implantados os “ken” (província). Assim, o reinado de Ryukyu terminou os seus 450 anos de existência em 1879 e se tornou a atual

mar da China Oriental, perto de Taiwan, Japão e China. Devido à sua localização geográfica estratégica, Ryukyu mantinha relações comerciais com todo o Sudeste Asiático e com parte do Pacífico. Além das atividades econômicas, a relação direta com outros países como China, Japão, Coreia e as atuais Indonésia, Filipinas e Malásia favoreceu a miscigenação da cultura okinawana com as práticas culturais desses países.

O Governo do Japão, no auge das reformas para se transformar em um Estado-nação moderno e imperialista, deflagra uma japonização impondo a cultura, a religião e costumes japoneses ao povo okinawano. O idioma japonês foi determinado como língua oficial e foram proibidas todas as manifestações religiosas, linguísticas e culturais na ilha, que passou a ser denominada de Província de Okinawa. Quem falasse qualquer uma das línguas nativas ou praticasse quaisquer costumes não japoneses era punido rigorosamente (GOLDMAN, 2005; McCORMACK, 2001; SOUYRI, 2004).

Em 1945, no final da II Guerra Mundial, a ilha de Okinawa foi invadida pelo exército dos Estados Unidos, protagonizando uma das mais sangrentas batalhas em terra onde, durante 89 dias, um terço da população civil da província morreu nas mãos dos soldados americanos e também pelas armas e granadas dos soldados japoneses. E mesmo com o fim da guerra, nos próximos 27 anos os okinawanos ficariam ainda sob o domínio do Governo dos Estados Unidos que, mesmo “devolvendo” as ilhas ao Japão em 1972, instalou e até hoje mantém 14 bases militares⁷ americanas em Okinawa através de um acordo entre os dois países. Até hoje, a população de Okinawa sofre com a ocupação americana: sejam nos testes de armas químicas, táticas militares, às degradações humanas e ambientais praticadas pelos militares americanos (REVISTA ESPAÇO ACADÊMICO, 2005).

Para os uchinanchus, exilados física e culturalmente de sua terra natal, o resgate do idioma está relacionado diretamente com a reconstrução da identidade okinawana. Nessa perspectiva, a partir da teoria de Bakhtin (1997,2010), observa-se que o sujeito é produzido pela ideologia dominante e a palavra é o fenômeno ideológico por excelência, pois é o modo mais puro e sensível da relação social. A linguagem para o filósofo russo, está ligada essencialmente com a ideologia e exerce um papel

província de Okinawa. O primeiro registro do reino segundo dados da Associação Okinawa Kenjin do Brasil é do século VI, na China.

⁷ Apesar de corresponder a apenas 0,6% do território japonês, Okinawa abriga 75% das bases militares norte-americanas no Japão.

determinante no discurso, representando tudo que se refere às manifestações culturais relacionadas a uma determinada classe social.

Frente ao exposto, este estudo propõe-se a mostrar como o uchinaaguchi está sendo reinserido na cultura dos okinawanos e de seus descendentes no Brasil, bem como a reafirmação de suas manifestações culturais.

2 Que Japonês é Esse?

O Brasil é o país, com exceção do Japão, que concentra a maior comunidade okinawana e japonesa no mundo, em torno de 1,6 milhão de descendentes, sendo de 10 a 20% de Okinawa, dos quais a maioria residente em São Paulo, principalmente nos bairros da Liberdade e Vila Carrão, zona leste da capital paulista.

Antes de 2008, segundo o autor, não havia nenhum curso de uchinaaguchi⁸ (dialeto próprio de Okinawa) na capital paulista: a língua era apenas oral, não tinha escrita, nem era usada nos jornais ou correspondências da comunidade. Foi a partir do centenário da imigração que houve um despertar da comunidade para a necessidade de se resgatar e preservar o idioma, conforme relata Mezashi (ALVES, 2016).

A ideia de promover cursos de uchinaaguchi partiu de Tamotsu Komesu, dirigente da Associação Okinawa do bairro Vila Carrão, São Paulo, logo após o encerramento das festividades do centenário da Imigração Japonesa e Okinawana. Conforme relata Alves, ao despedir-se de um primo do pai dele, um professor aposentado de Okinawa, ouviu emocionado: “você não podem deixar o uchinaaguchi morrer, é nossa cultura, nossa identidade” (ALVES, 2016). Assim como Komesu, outros dirigentes da Associação Okinawa da Vila Carrão se mobilizaram para fundar os cursos de ensino de uchinaaguchi, mas se depararam com um problema: não havia um só manual do idioma e também nenhum livro didático sequer da língua com instruções em português. A solução encontrada pelos dirigentes foi a adaptação da didática do

⁸ Uchinaaguchi - língua oficial de Okinawa. A língua okinawana é também conhecida como língua de Ryukyu e *uchinaaguchi*. O *uchinaguchi* é um membro da família Nansei-shoto, ou ilhas do sudoeste em japonês. Embora compartilhe um ancestral comum e algum vocabulário e gramática com o Japonês, o Okinawano-uchinaaguchi é em grande parte incompreensível para falantes de japonês. Seu sistema de tratamento honorífico é muito mais rico que o do japonês.

ensino da língua japonesa para o uchinaaguchi pelo ex-professor de japonês, Tyoti Miyagui.

Assim surgiu o primeiro curso de uchinaaguchi, em 2009, na Associação Okinawa de Vila Carrão (ALVES, 2016). Desde 2010, o Colégio Exatus⁹ em São Paulo (SP), fundado por descendentes de Okinawa, tornou-se um “Centro de Estudos da Língua Uchinaaguchi” e, além de ensinar o idioma, também faz o levantamento e compilação de documentos e vocábulos da língua (ALVES, 2016).

Em suas entrevistas com os descendentes de okinawanos em São Paulo, Alves descobriu que o reforço para o ensino veio em 2012, através da paulista Lucila Etsuko Gibo que, depois de cursar o mestrado em Letras em Okinawa, juntamente com mais três colegas da universidade de Ryukyu, decidiu ajudar a comunidade uchinanchu no Brasil, e elaborou o primeiro manual de ensino de uchinaaguchi em português. O manual básico contém 11 lições; e uma segunda apostila intermediária está sendo concluída (ALVES, 2016). O autor destaca que o idioma tem variações de palavras e expressões conforme as ilhas, as regiões; a idade e a posição social a quem se dirige a palavra, assim como vocabulário específico para homens e mulheres. Apesar da demanda pelo ensino, o primeiro dicionário de uchinaaguchi só foi publicado no Brasil no final de 2016 pela Universidade de Ryukyu, com a colaboração de Lucila Gibo, Celso Shiroma e Eduardo Akira Uema. O dicionário Okinawano-Português teve como base o dicionário Okinawan-English Wordbook¹⁰ publicado pelos okinawanos que emigraram para o Havaí¹¹.

Porém, se por um lado quase não há livros, jornais, revistas e outros documentos em uchinaaguchi, a língua está presente essencialmente na música, na dança, na poesia e no teatro de Okinawa. Nas aulas do Colégio Exatus, os alunos são incentivados a trazer músicas e outros materiais no idioma para serem estudados na sala de aula. As letras das músicas, como apurou Alves junto aos entrevistados para o livro, refletem justamente a poesia e o espírito de solidariedade entre o povo okinawano e ajudam a compreender o uchinaaguchi e a cultura de Uchiná:

⁹ As aulas acontecem aos sábados das 9h30 às 12h30 e das 13h às 15h.

¹⁰ Criado a partir de um manuscrito deixado por Mitsugu Sakihara, antigo professor da Universidade do Havaí, em trabalho conjunto entre os linguistas dessa universidade e da Universidade de Ryukyu.

¹¹ Nos EUA, segundo dados da CIA, em 2015, mais de 1,350 milhão da população do país são de japoneses, okinawanos e descendentes, sendo que no Havaí cerca de 1/3 da população são de origem okinawana e japonesa.

Tinagu nu hanaya/ Chimisachinisumit/Uya nu
yushigutuya/Chimunismiri/Tinsagu-nu Hana (A flor de Tinsagu)

Tradução: “Com a flor de Tinsagu/eu tinjo as minhas unhas/com os ensinamentos dos meus pais/tinjo meu coração (ALVES, 2016).

3 *Apartheid* Linguístico

Na imposição do espírito nipônico e erradicação completa da cultura okinawana, a grande preocupação do governo japonês era a eliminação do uchinaaguchi e a implantação da língua-padrão japonesa, ohyôjun-go ou futsû-go. A pressão contra o dialeto se intensificou de tal forma que falar o idioma nativo constituía um motivo de punição nas escolas e de constrangimento para os idosos, que não sabiam falar o japonês oficial (YAMASHIRO, 1997). Nesse sentido, como ressalta Pires (2016, p.190), a língua okinawana-uchinaaguchi passou a ser fortemente desencorajada, reprimida e mesmo proibida em locais públicos:

Em Okinawa, ocorrem humilhações públicas aos residentes que usavam o dialeto local ao invés do japonês oficial, ou realizavam certas práticas religiosas ou culturais tradicionais. Todos estes fatores provocaram fortes descontentamentos populares, os quais raramente foram expressos publicamente no período, devido à forte repressão e ao clima beligerante decorrente das constantes guerras nas quais o Império japonês estava envolvido.

A opressão ao idioma também persistiu durante a guerra quando, sob o argumento de lealdade e reverência ao imperador, os okinawanos que conversassem no “dialeto local” (uchinaaguchi) podiam ser considerados espiões, sendo tratados e punidos enquanto tal (OTA, 1981). Estima-se que mais de mil pessoas foram mortas por falar a língua okinawana.

A ênfase do nacionalismo nipônico e a discriminação do regionalismo na província de Okinawa perpetuaram no pós-guerra, tanto no Japão como nos países para onde migraram milhares de okinawanos e japoneses em busca de trabalho e de melhores condições de vida. Para Yamashiro (1997), por conta da campanha nacionalizante e do engajamento (obrigatório) dos próprios okinawanos, o nacionalismo e o militarismo, assim como aconteceu em todo Japão, se infiltrou em Okinawa e veio para o Brasil junto com seus imigrantes.

No Brasil, desde 1926, para fugir das situações constantes de discriminação, segundo observação de Mori (2003), os imigrantes okinawanos eram orientados por

suas lideranças locais a evitarem falar em uchinaaguchi e não exporem suas práticas culturais e religiosas principalmente em frente aos japoneses.

3.1 Uchinaaguchi, Línguas Ryukynuas, Dialeto e Idiomas

O idioma okinawano ou uchinaaguchi faz parte da família das Línguas ryukyuanas e é dividido em dois dialetos principais: o central e o meridional¹². Além de Okinawa, onde foi um dos idiomas mais falados, o uchinaaguchi também predominava em uma série de outras ilhas Ryūkyū com cerca de 900.000 locutores, conforme ressalta Sasaki (2012).

De acordo com o autor, existem quatro línguas correlatas faladas nas ilhas Ryukyu: Amami (Shimayumusa), Miyako (Myakufutsu), Yaeyama (Yaimamuni) e Yonaguni (Dunangmunui). Assim como o uchinaguchi, esses idiomas são mutuamente incompreensíveis uns com os outros, como ocorre entre o okinawano e o japonês. São línguas muito ameaçadas de extinção, faladas principalmente por pessoas mais velhas. Ryukyuanos jovens tendem a falar japonês com sotaque Ryukyu.

O uchinaaguchi ou dialeto de Shuri¹³ Okinawa, foi nomeado como língua padrão durante o reinado do rei Sho Shin (1477-1526)¹⁴, e segundo Sasaki (2012, era usado como a língua oficial da aristocracia e imortalizado nas canções e poemas daquela época. A escrita chinesa predominou na maioria dos textos dos habitantes das ilhas Ryukyu até o século XIII quando o idioma okinawano passou a ser escrito em hiragana¹⁵.

Sasaki (2012) esclarece ainda que as pessoas continuaram a usar o uchinaaguchi na literatura local, até o século XIX quando as ilhas Ryukyu foram invadidas e anexadas pelo Japão, em 1879, e o uso do uchinaaguchi e de outros dialetos locais nas escolas foi desencorajado, tanto para fala quanto para escrita:

¹² O contato entre as duas línguas gerou o dialeto conhecido popularmente como *uchinaayamatuguchie* denominado tecnicamente como *ryukyu-creoloid* pelo linguista japonês Karimata, que compreende o dialeto como uma língua semicrioula (Gibo, 2014).

¹³ Shuri, ou Sui: antes uma cidade autônoma, foi a capital do reino de Ryukyu. Hoje é um distrito da cidade de Naha, capital de Okinawa.

¹⁴ Foi um rei do Reino de Ryukyu, o terceiro da linha da Segunda Dinastia Shō. O longo reinado de Shō Shin foi descrito como os "os Grandes Dias de Chūzan", um período de grande paz e relativa prosperidade.

¹⁵ Sistema japonês de escrita silábica, com 48 elementos, que complementam os ideogramas de origem chinesa (*kanji*), para indicar distinções gramaticais próprias da língua japonesa.

O japonês baseado em dialeto de Tóquio se tornou a linguagem da educação e o uso do uchinaaguchi escrito praticamente desapareceu. Desde 1945, a escrita do uchinaaguchi foi revivida com o uso de sistemas de escrita baseado no alfabeto latino ou o silabário katakana concebido por estudiosos japoneses e americanos. Não há atualmente nenhuma maneira padronizada de escrever o idioma. Algumas pessoas preferem escrever com hiragana e kanji. (SASAKI, 2012)

Um estudo feito pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 2009 sobre as línguas consideradas ameaçadas de extinção no mundo revela que o uchinaaguchi está entre os oito idiomas em perigo de desaparecimento no Japão, sendo seis originárias das ilhas do arquipélago de Ryukyu: amami, hachijo kunigami, okinawano-uchinaaguchi, yaeyama e yonaguni¹⁶. O reconhecimento das línguas de Ryukyu como idiomas e não como dialetos do Japão conforme verifica Kanashiro (2015, p.156):

(...) representa também uma dramática mudança nas disputas da linguística japonesa uma vez que a dialetologia japonesa cumpriu um papel central na racionalização das línguas de Ryukyu como “dialetos japoneses” em confluência com a ideologia nacionalista do período Meiji.

3.2 Língua Ou Dialeto e o Preconceito

O uchinaaguchi é considerado uma língua ou dialeto? Qual a diferença entre língua e dialeto? Para Mané (2012), conceituar língua e dialeto não é uma tarefa fácil uma vez que “variedades de línguas são, muitas vezes, chamadas de dialetos por não serem conhecidas como línguas literárias, os falantes de uma determinada língua não têm seu próprio Estado, sua língua não tem prestígio ou porque são socioeconomicamente desfavorecidos”. Essa confusão, segundo o autor, pode ocorrer por falta de conhecimentos linguísticos e também por puro preconceito. Em seu artigo “As concepções de língua e dialeto e o preconceito sociolinguístico”, Mané (2012, p.40) procura conceituar e distinguir os termos língua e dialeto:

Língua e dialeto são termos que apresentam certa ambiguidade de sentido, o que torna difícil seu entendimento. Não há consenso universal sobre os critérios usados para distingui-los, embora exista um número de paradigmas que se torna, às vezes, resultados contraditórios. Língua e dialeto são duas denominações que se

¹⁶ O estudo está disponível em: < <http://www.unesco.org/culture/languages-atlas/index.php>>. Último acesso em 05 de maio de 2017).

aplicam a aspectos diferentes, mas não opostos, do fenômeno extremamente complexo que é a comunicação humana.

A definição de língua e dialeto, como enfatiza Mané (2012) não é determinada apenas por critérios linguísticos, mas é também o resultado de um desenvolvimento histórico, geográfico e sociopolítico. No caso do uchinaaguchi, verificamos que a dicotomia “língua” e “dialeto” está mais ligada ao status social. E assim como compara Mané (2012, p.50): “a dicotomia língua e dialeto está ligada à dicotomia riqueza e pobreza. A língua está para riqueza assim como o dialeto está para pobreza”. Outra contribuição de Mané nesse sentido é que:

(...) variedades de línguas são muitas vezes chamadas de dialetos porque elas não são conhecidas como línguas literárias; os falantes de uma determinada língua não têm seu próprio estado; ou porque sua língua não tem prestígio (MANÉ, 2012, p.51).

Na concepção de Kanavillil Rajagopalan¹⁷, linguista indiano radicado no Brasil, a língua está relacionada diretamente como forma de dominação cultural, sendo necessário repensar o próprio conceito de língua que temos hoje:

(...) muitos de nós, sem saber, estamos repetindo, quando discutimos língua, conceitos de categorias herdadas do século passado. Nem somente do século XX, mas o século XIX ainda marca sua presença. Por exemplo, conforme eu venho falando sobre a resistência quanto às línguas híbridas. Eu até chamo de mestiçagem linguística. (SILVA, 2011).

Dessa forma, conhecendo a discriminação sofrida pelos okinawanos, principalmente pelos próprios japoneses, constata-se o grande preconceito e descaso com o idioma de Okinawa, considerada um dialeto por aqueles que querem menosprezar a riqueza da cultura uchinchu, mas já reconhecida como língua de acordo com os estudos da UNESCO.

4 O Resgate da Identidade Através do Idioma e da Cultura

Nmarijima nu kutubawasshiineekuni n wasshiin - “Esquecer sua língua nativa significa esquecer o seu país natal”: um dos mais conhecidos provérbios okinawanos é bastante citado pelos imigrantes para destacar a importância da relação dos uchinchus

¹⁷ Estudioso da área de linguística, atualmente é professor titular da UNICAMP e tem o seu interesse como pesquisador especialmente voltado para questões que abrangem política linguística. . Escreveu e organizou vários livros: Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética, A Geopolítica do Inglês, A língua que nos faz falhar, Nova Pragmática – Fases e Feições do Saber, entre outros.

com a terra natal Okinawa-Uchiná. Para eles, mais que um idioma, o uchinaaguchi é a evocação de uma identidade, de um lugar que existe basicamente na memória dos okinawanos e seus descendentes e nos sentimentos repassados a eles por seus antepassados.

A língua como instrumento de resistência e reafirmação da identidade de um povo, vem sendo defendida por antropólogos e linguistas que, assim como Rajagopalan, enfatizam a linguagem como um conceito muito mais amplo:

A linguagem não se restringe à língua: é aquilo que a gente vive, é nossa vivência (...). Linguagem é um conceito muito mais amplo que língua. Língua faz parte, e nem sei se a língua faz parte essencial da linguagem, do âmbito da linguagem. A linguagem é o nosso modo de lidar com as nossas circunstâncias, a nossa sociedade, a nossa inserção dentro da sociedade. Portanto, tudo dentro do mundo é mediado pela linguagem, então para mim linguagem é tudo (SILVA, 2011)

Mais que comunicação, o uchinaaguchi para os okinawanos, como destaca Uema (2015), tem relação com o sentimento do "*ichariba choodee*", um provérbio de Okinawa que pode ser traduzido como: “a partir do momento em que nos encontramos, somos como irmãos” ou encontrando-se pela primeira vez, nos tornamos irmãos”:

O uchinaaguchi tem um ar mais "okinawano", ou seja, aquele sentimento do "*ichariba choodee*". Okinawano tende a ser mais caloroso que o japonês. Ou seja, o uso decorativo da língua faz alusão aos estereótipos comuns que se atribuem a Okinawa. (...) A língua não tem fim comunicativo nenhum, portanto, não existe nenhuma preocupação com relação à ortografia correta da palavra, até mesmo porque os uchinaanchus de hoje, em sua maioria, não sabem falar a língua. Eles não têm como saber qual é a pronúncia correta (UEMA, 2015).

Ser "*uchinanchu*", conforme relata Sakima (2000), no livro *Imigração Okinawana no Brasil*, é na verdade um estado de espírito que vem se desenvolvendo ao longo de sua História, de modo tão peculiar, que o diferencia radicalmente de todas as outras províncias japonesas e que tem dado a ele um toque todo especial dentro da comunidade nipo-brasileira. Esse sentimento é destacado por Souza (2009, p.106) que, na ocasião da comemoração do centenário da imigração uchinanchu no Brasil em 2008, observou:

(...) o quanto as festas exclusivamente uchinanchu evidenciam uma configuração de pertencimento e articulação de uma comunidade diferente da maneira como a comunidade nikkey se apresenta. O elo de pertencimento identitário ao espírito uchinanchu foi celebrado no Brasil por delegações vindas de Okinawa, Japão, México, Peru,

Argentina, Havai, Califórnia. O reconhecimento de que pessoas não descendentes de uchinanchu, desde que interessadas em conviver e aprender sua cultura possui também o kokoro (coração, também sentimento) e o espírito uchinanchu contrasta vivamente com a extrema compartimentação em múltiplas categorias que existe entre os nikkey (Souza, 2009, p.106)

Para o autor, ao se colocarem como sujeito do seu discurso, os uchinanchus valorizam não só o interesse em sua cultura, como declaram que uma de suas virtudes é o grande interesse e a abertura às demais culturas, bem como a valorização da mistura cultural ocorrida devido ao movimento diaspórico com a dispersão por diferentes países (SOUZA, 2009).

À capacidade de que o locutor se proponha como sujeito chama-se subjetividade. Ao subjetivar a língua e reconhecer-se como sujeito no mundo é que o homem inicia sua aventura na e pela linguagem. Ao subjetivar a língua, assumindo-se como “eu” em seu discurso, o locutor marcará a presença de si e do seu querer dizer em tempo e espaço determinados. Ao subjetivar, o “eu” instaura diante de si um “tu”, que o ilumina, que dá razão para que o “eu” se plenifique no discurso, representando a si na língua e assumindo-se como sujeito (KLAFKE & VIER, 2015, p.212).

4.1 Um Exilado Linguístico

Ao pesquisar sobre Okinawa e a pressão sofrida pelo governo japonês antes, durante e depois da guerra, principalmente em relação ao idioma, encontra-se o trabalho do jornalista e pesquisador de idiomas Ozias Alves Júnior, de Biguaçu (SC). Editor do JBFoco¹⁸, nas horas vagas Ozias escreve livros sobre idiomas minoritários brasileiros para a coleção “Parlons” (Vamos falar) da editora francesa L’Harmattan¹⁹. O “Parlons uchinaaguchi (Okinawa-gô)²⁰” é o quinto livro sobre idiomas em extinção publicado pelo jornalista que decidiu pesquisar o idioma de Okinawa por sugestão de um leitor, descendente de okinawanos, preocupado com o possível desaparecimento do uchinaaguchi cujos falantes hoje estão mobilizados para que a língua não deixe de existir completamente.

Antes de publicar sobre o idioma okinawano, o autor escreveu primeiramente sobre o “Parlons nhengatu-tupi”, língua derivada do tronco linguístico tupi e falada nas

¹⁸ O Jornal Biguaçu em Foco com sede em Biguaçu (SC) tem circulação diária impressa e disponível também online no endereço www.jbfoco.com.br

¹⁹ Editora L’Harmattan, de Paris, com 207 livros publicados sobre línguas minoritárias de todo o planeta, tem por objetivo catalogar todos os idiomas existentes.

²⁰ Okinawa-gô: como os japoneses se referem ao uchinaaguchi.

regiões amazônicas da América do Sul (2010); em seguida escreveu sobre o “Parlons Hunsrückisch”²¹, dialeto alemão falado na região do Hunsrück, no sudoeste da Alemanha e em algumas regiões de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná e Espírito Santo (2013); “Parlons Talian”, dialeto italiano falado em Santa Catarina e Rio Grande do Sul também foi publicado no mesmo ano (2013) e, por último, “Parlons Xokleng”, *idioma dos índios Xokleng/Laklãnõ, que vivem no interior de Santa Catarina* (2014).

Todos os livros têm uma estrutura em comum com a primeira parte dedicada à história do povo falante da língua, a segunda trata da descrição gramatical do idioma seguida por um capítulo de conversação com as lições iniciais do idioma. A quarta parte é reservada para a cultura do povo e traz informações sobre a literatura, música, folclore, artes, entre outras coisas. Já a quinta e última parte é a dos léxicos francês-idioma abordado e vice-versa.

Durante sua pesquisa, realizada principalmente entre a comunidade okinawana em São Paulo (SP), Alves (2016) entrevistou vários descendentes de Okinawa, diretores da Associação Okinawa Kenjin do Brasil, professores e estudantes do uchinaaguchi e constatou que a língua era ágrafa, oral e não foi ensinada nas escolas. Segundo a professora Keiko Yonamine, entrevistada por Alves (2016); “se algum aluno insistisse em falar uchinaaguchi, ficava de castigo segurando uma plaquinha onde estava escrito “Hoogen Fudá”, ou seja, que o jovem era falante de dialeto e por isso era ridicularizado pelos colegas de sala de aula”.

A professora, que nasceu em Okinawa e veio para o Brasil em 1982, aos 34 anos de idade, afirmou que o uchinaaguchi não era visto com bons olhos na província e por isso era mais usado nas conversas em casa e quase nunca em público. Ao mudar-se para São Paulo, Yonamine descobriu que o uchinaaguchi é muito mais falado na capital paulista do que na sua terra natal. E o motivo é simples segundo João Mezashi, outro entrevistado por Alves: “Aqui no Brasil o uchinaaguchi desenvolveu-se melhor porque não havia mais a pressão do governo japonês como acontecia lá em Okinawa”. Hoje, de acordo com Alves (2016), raríssimas crianças conhecem a língua falada basicamente pelas pessoas mais velhas.

A mesma constatação foi feita pelos okinawanos que vieram ao Brasil por ocasião das comemorações do centenário de imigração okinawana e japonesa em 2008.

²¹ No município de Antônio Carlos, localidade emancipada de Biguaçu (SC), tornou-se língua oficial desde 2010.

Portanto, como descreve Alves (2016), enquanto em Okinawa o idioma lentamente entrou em declínio no seu número de falantes, fenômeno impulsionado pelo preconceito linguístico e predomínio do japonês, no Brasil, principalmente no estado de São Paulo, o idioma continuou vivo, falado não só por idosos, mas também pelos mais jovens. O espanto e admiração com o uso do uchinaaguchi em São Paulo (SP) foi relatado por Alves em uma de suas entrevistas sobre o livro:

Muitos turistas japoneses e okinawanos viajaram para São Paulo com o objetivo de assistir as comemorações e rever ou conhecer parentes. Entre esses turistas, um expressivo número de okinawanos que ficaram deslumbrados com o fato diziam: “você fala a nossa antiga língua. Que maravilha! Não a deixem morrer como está acontecendo em Okinawa!” (JBFoco, 2016)

Todos esses relatos e outros detalhes sobre a mobilização dos okinawanos no Brasil para preservação do idioma antes desprezado, estão nas 283 páginas do livro “Parlons uchinaaguchi (Okinawa-gô)”, editado em francês por falta de interesse das editoras brasileiras: “Eu escrevo em francês não por vaidade ou o que seja. Escrevo em uma língua estrangeira de um país onde nunca pisei o pé porque se escrevesse em português, simplesmente não teria como publicar”, justifica Alves (2016).

O autor compara ainda a realidade editorial entre os países relatando que enquanto no Brasil, mesmo que a editora tenha interesse na obra, o escritor tem de pagar os custos da publicação, na França se a editora se interessa pelo projeto, ela banca a publicação (JBFoco, 2016). A crise educacional e cultural brasileira e, conseqüentemente, o grande índice de analfabetos funcionais, em torno de 27% de sua população entre 15 e 64 anos, são apontados por Alves como as principais causas das dificuldades dos escritores publicarem seus trabalhos:

Se não conseguem entender textos simples como é que vão ler livros de 200 ou 300 páginas? E se não leem livros, como é que as editoras poderão vender mais? Forma-se um círculo vicioso nas baixas tiragens, nas dificuldades de se publicar, dos escritores que não conseguem ser remunerados na atividade de escrever (JBFoco, 2016)

5 Considerações Finais

Mesmo distantes e sem poder fazer o caminho de volta à terra natal, a tradição sempre foi muito forte e presente na família okinawana. A mobilização para a revitalização e direito da língua como instrumento de resgate da identidade, dentro e

fora do Japão e da própria Okinawa, é uma questão de direito para esse povo que, assolado pelas disputas de poder e pela guerra foram despojados dos seus direitos básicos e ainda impedidos de manter o idioma herdado de seus pais.

Nenhuma nação está totalmente livre de ser atingida pelas mais diversas intempéries e violações de todo tipo, mas essa história não pode ser omitida ou alterada conforme os interesses de outros países, como o governo japonês vem tentando remover dos livros didáticos e até dos museus, os conteúdos referentes aos massacres e aos suicídios coletivos dos civis okinawanos forçados por militares japoneses durante a Segunda Guerra.

Além da língua, caso isso seja concretizado, significaria o holocausto também da memória e identidade okinawanas. Esse movimento de reapropriação do idioma, interligado diretamente com a reconstrução da memória coletiva uchinanchu, massacrada pela imposição de uma cultura que não é a sua, deve ser mantido e reforçado não só pelos seus descendentes como por todas as pessoas que tem horror a guerra e injustiças.

Okinawa tem sua própria identidade, cores e sabores e não pode ser modificada com a imposição de uma língua que não é dela, de costumes que não são os seus e de toda uma cultura que não é aquela lembrada ou vivida por seus ancestrais. Desde 2008, o Comitê de direitos políticos e civis das Nações Unidas recomendou ao governo japonês a proteção, preservação e promoção da cultura e o modo tradicional de vida okinawanos, além do reconhecimento de seus direitos territoriais. Outra solicitação do Comitê é que as crianças de Okinawa/Uchiná possam receber instruções sobre sua língua e cultura no currículo escolar.

O que mais chamou a atenção da autora ao iniciar o presente estudo foi o desconhecimento de muitos descendentes de Okinawa, de que seus antecedentes pertenciam a outro país, possuem outra língua, outros costumes, enfim, que Okinawa não fazia parte do Japão. Por exemplo, desde 2013, existe uma Associação de Estudos Abrangentes pela Independência de Ryukyu-Okinawa, criada por um grupo de intelectuais ligado à Universidade Internacional de Okinawa, em Ginowan. O objetivo é realizar pesquisas, debates e promover intercâmbios com movimentos de pessoas de outras regiões também dominadas por grandes nações.

E porque quase não se lê, não se ouve e pouco se conhece sobre estas batalhas e domínios e raramente se divulga as mobilizações para o resgate das próprias origens e

a retirada das bases americanas em suas terras? E o pouco interesse – ou omissão da mídia - em um movimento pró-independência de Okinawa? E dos riscos sempre atuais que a ilha ainda sofre com as manobras militares dos Estados Unidos e Coreia do Norte? Caso ocorra um confronto real entre os dois países, ou ainda entre os EUA e outros países da Ásia, quem será mais uma vez o peão sacrificado neste jogo de xadrez?

Referências bibliográficas

ALVES, Ozias Deodato. **Parlons uchinaaguchi (Okinawa-gô):** langue du Japonqui ne survitqu'au Brésil. Paris: L' Harmattan, 2016.

BAKHTIN, Mikahil Mikhailovitch. **Estética da Criação Verbal.** 3.ed. Trad. de Paulo Bezerra, São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

CANCIAN, Raguzzoni Juliana. **Contexto da diáspora na construção da identidade cultural:** a experiência do personagem José Viana, do romance Sem Nome, de Helder Macedo. Disponível em:<www.bocc.ubi.pt/pag/cancian-juliana-contexto-da-diaspora.pdf> Acesso em 11 mar 2017.

JBFOCO. Jornal Biguaçu em Foco. **Entrevista com Ozias Alves.** Fev. 2016. Disponível em: <www.jbfoco.com.br> Acesso em 20 mar 2017

KANASHIRO, Victor Uehara. **Cantos da Memória Diaspórica:** representações, (des)identificações e performances de Mishima a Okinawa. Tese (Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas (SP). 2015

KERR, George. Sovereignty of the Liuchiu Islands. *In: Far Eastern Survey*, vol. 14, n. 08, 1945, p. 96-100.

_____. **Okinawa:** The history of an island people. Tokyo: Charles E. Tuttle Company, 1964 [1958].

MANÉ, Djiby. As concepções de língua e dialeto e o preconceito sociolinguístico. **Via Litterae.** Anápolis v.4, n.1, p. 39-51. jan./jun.2012.

MATSUMOTO, Karina S. **Blog okinawando, conheça um outro lado de Okinawa.** Disponível em: <<https://okinawando.wordpress.com/2015/06/22/o-pai-da-imigracao-okinawana>>. Acesso em 22 mar 2017

McCORMAC, Gavan; NORIMATSU, Satoko Oka. **Resistant islands:** Okinawa confronts Japan and the United States. Lanham (USA): Rowman & Littlefield Publishers, 2012.

MORI, Koichi. Identity transformations among Okinawans and their descendants in Brazil. In: LESSER, Jeffrey (ed.). **Searching for home abroad:** Japanese Brazilians and transnationalism. Durham (US): Duke University Press, 2003

MOTOYAMA, Shozo. **Sob o Signo do Sol Levante – Uma História da Imigração Japonesa no Brasil – Volume I (1908-1941)**. coedição do Instituto Brasil-Japão de Integração Cultural e Social, da Associação para Comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil e da Paulo's Comunicação e Artes Gráficas, 2012.

OTA, Masahide. **This was the Battle of Okinawa**. Naha: Naha Publishing Co, 1981.

PRESS, Utiná Jornal. Disponível em: <http://www.utinapress.com.br/dialetto_7.html>2017
Acesso em 02 abril 2017

PIRES, Ricardo Sorgon. **Os outros japoneses: festivais e construção identitária da comunidade okinawana na cidade de São Paulo**. Tese (doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Universidade de São Paulo (USP). 2016

RAJAGOPALAN, K. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil. Por uma política prudente e propositiva. In: LACOSTE, Y. [org.] RAJAGOPALAN, K. **A Geopolítica do Inglês**. São Paulo: Parábola, 2005.

REVISTA ESPAÇO ACADÊMICO, 2005. Disponível em
<www.espacoacademico.com.br/052rea.htm> Acesso em 28 out 2016

SAKIMA, Tatsuo. Breve história de Okinawa. In **Imigração Okinawana no Brasil**. Yssamu Yamashiro (org.). São Paulo: Associação Okinawa Kenjin do Brasil, 2000.p.27-32.

SASAKI, Marcel. **Língua de okinawa, um idioma próprio e culturalmente bem diferente do resto do Japão**. 15 agosto, 2012. Disponível em:
<<http://marusasaki.blogspot.com.br/2012/08/lingua-de-okinawa-um-idioma-proprio-e.html>>
Acesso em 26/04/2017

SILVA, K. A.; SANTOS, L. I. S.; JUSTINA, O. D. Entrevista com Kanavillil Rajagopalan: ponderações sobre linguística aplicada, política linguística e ensino-aprendizagem. **Revista de Letras Norte@mentos – Revista de Estudos Linguísticos e Literários**. Edição 08 – Estudos Linguísticos 2011/02.

SOUYRI, Pierre François. A colonização japonesa: Um colonialismo moderno, mas não ocidental. In: FERRO, Marc (Org.). **O livro negro do colonialismo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

SOUZA, Yoko Nitahara. **A comunidade Uchinanchu na era da globalização**. Contrastando “okinawanos” e “japoneses”. Dissertação (Mestrado) em Antropologia Social. Universidade de Brasília. Brasília(DF).2009

UEMA, Akira. **O dialeto de Okinawa**. Disponível em:
<<http://linguasderyukyu.blogspot.com.br/2015/07>>Acesso em 26 abril 2017

VIER, Sabrina. V. KLAFKE, Sandra R. Palavras para fazer ouvir interrogações. **ReVEL**, vol.13, n.25, 2015.

YAMASHIRO, José. **Okinawa: uma ponte para o mundo**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1997.